

3

O Campo de Pesquisa

Neste capítulo apresentamos o campo da pesquisa. Primeiramente, destacamos a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa, bem como a descrição do processo de chegada ao campo.

Também está presente neste capítulo a caracterização dos bairros onde foram realizadas as entrevistas, bem como apresentamos o perfil dos jovens entrevistados em cada um dos bairros.

3.1

A Pesquisa

A fim de atingir os objetivos desta pesquisa partimos da seguinte questão: *Quais os significados da educação profissional para a trajetória profissional dos jovens moradores dos bairros de Costa Barros e Rocinha, oriundos do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem Urbano)?* Para isso, apresentamos como objetivos específicos: identificar as motivações dos jovens ao buscar a inserção no ProJovem Urbano; conhecer o perfil e a trajetória dos jovens antes e depois de sua participação no ProJovem Urbano; e entender o impacto da precarização e da falta de trabalho no cotidiano dos jovens;

Como a pretensão desse estudo é investigar a trajetória profissional dos jovens, lançaremos o olhar sobre o funcionamento da qualificação profissional no ProJovem Urbano. Assim para atingir os objetivos deste estudo, entrevistamos os jovens egressos do ProJovem Urbano, e que estiveram matriculados no Programa entre os anos de 2005 a 2010.

O presente estudo terá uma abordagem qualitativa. Pois a sua centralidade está no sujeito, sendo este, os jovens oriundos do ProJovem Urbano.

Segundo Martinelli (2009):

(...) tanto a realidade quanto à relação humana são qualitativas. Implicam sons, aromas, cores, arte, poesia, linguagem, os quais só podem ser alcançados pela mediação do sujeito e, predominantemente, de modo qualitativo, pois demandam atribuição de significados. Tal tarefa apenas o sujeito é capaz de realizar, pois significados se constroem a partir da experiência. (p. 34)

Para Minayo (1994), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes do sujeito. Podemos acrescentar que se trabalha com a subjetividade e com o simbólico, que são partes integrantes da realidade social. E para esta autora:

A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda riqueza de significados que transborda dela. A possibilidade de enumeração dos fatos, por exemplo, é uma qualidade do indivíduo e da sociedade que contém, em si, elementos de homogeneidade e de regularidades. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, que qualquer pensamento e qualquer discurso político ou teórico que tente explicá-la. (Minayo, 2006, p. 42)

Neste sentido, faz-se necessário conhecer o sujeito que se pretende investigar, como também o contexto em que está inserido. E para trabalhar nesta perspectiva, Thompson (apud Martinelli, 2009) propõe as seguintes categorias: a Cultura, articulada a Consciência e a Experiência²⁷.

De tais premissas decorrem alguns pressupostos que dão fundamento à pesquisa qualitativa e que, basicamente, são:

- 1º. Reconhecimento da singularidade do sujeito.
- 2º. Reconhecimento da peculiaridade da experiência do sujeito.
- 3º. Reconhecimento da importância de conhecer o modo de vida do sujeito, a sua experiência social cotidiana. (p. 35)

Assim, para melhor atender a finalidade desta investigação, a pesquisa se desenvolveu a partir dos seguintes passos.

Primeiramente, definidas as categorias Educação Profissional e Trabalho, estes foram objeto de um levantamento e sistematização da literatura específica, com vistas a constatação de um quadro de referência teórica.

²⁷ Cultura como viver histórico dos sujeitos, como seus modos de vida, de luta, de resistência, de trabalho, em sua experiência social cotidiana; Consciência – modo como os sujeitos elaboram a sua vivência, a sua experiência social cotidiana; Experiência – como a mais rica das possibilidades humanas, como a exploração aberta do mundo e de nós mesmos, como o fazer-se histórico dos sujeitos. (THOMPSON apud MARTINELLI, 2009, p. 35)

Após levantamento da literatura, foi realizada uma primeira visita, no mês de agosto de 2009, ao núcleo do ProJovem Urbano que atende jovens moradores de Costa Barros. Neste primeiro dia foi possível perceber a desorganização do Programa em relação a sua estrutura.

O núcleo funciona em uma escola municipal do bairro de Coelho Neto²⁸. Os jovens do Programa utilizam algumas salas de aula, banheiros e sala de informática. Porém, no momento da visita, o banheiro masculino encontrava-se trancado, como também a sala de informática. No depoimento de uma das entrevistadas²⁹ constatamos que esta questão é recorrente:

(...) A gente não teve acesso a informática, a gente não teve. Porque a escola que tinha suporte não queria aceitar a gente e depois não queria que a gente mexesse nos aparelhos, coisa de burocracia mesmo. Acabou que nós não tivemos acesso.
(Mariana, 24 anos, Costa Barros)

Na ocasião da visita, não houve possibilidade de conversar com nenhum coordenador, somente com alguns professores que estavam no local. Ao ouvir estes professores foram constatadas outras deficiências em relação ao Programa naquele núcleo. Além das situações citadas acima, os professores ainda relataram o fato da interferência da violência, que atrapalha o andamento das aulas; os alunos também não cumpriam o horário de início das aulas. Ocorre também falta de material e estrutura para a realização das aulas de qualificação profissional; além disso, o material didático não tinha local para ficar armazenado, e com isso poderia ser danificado.

No entanto, os professores também mencionaram como ponto positivo o fato de alguns alunos daquele núcleo terem conseguido ingressar no ensino médio, inclusive em escolas técnicas.

Para a realização de uma segunda visita, foi feito contato telefônico com a coordenadora pedagógica do núcleo. Foram três tentativas até conseguir marcar um encontro. Quando este foi marcado, acabou não se realizando pelo não comparecimento da coordenadora.

²⁸ Bairro da zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

²⁹ Para preservar a identidade dos mesmos, usamos nomes fictícios nos fragmentos das entrevistas que serão apresentadas no corpo desta dissertação.

Foi realizado um novo contato telefônico e a coordenadora explicou que não pode comparecer por causa de uma reunião que teve que participar fora do núcleo. Então se marcou um novo encontro que ocorreu no mês de junho de 2010.

Neste dia, a coordenadora forneceu informações sobre o núcleo: este estava ligado a um Pólo (antiga Estação da Juventude) que funciona no bairro de Santa Cruz³⁰, e congrega mais 15 núcleos.

Em relação à qualificação profissional, a coordenadora informou que ela caracteriza-se como iniciação profissional, não tendo cunho de empregabilidade, corroborando as próprias diretrizes do ProJovem Urbano.

Ainda de acordo com as informações da coordenadora, a vivência prática em relação às profissões contidas nos arcos são realizadas a partir de oficinas. E como atividade complementar é realizado o Projeto de Orientação Profissional (POP), que contribui para que o aluno, ao final do curso possua um conjunto de informações sobre sua trajetória escolar e profissional, e assim pode planejar a continuidade de seus estudos e formação profissional.

Ao final do encontro a coordenadora disponibilizou para a pesquisa materiais sobre o ProJovem: Manual do Educador – orientações gerais, Apostilas dos Arcos de Qualificação e caderno do Projeto de Orientação Profissional e do Plano de Ação Comunitária.

A título de esclarecimento, gostaríamos de mencionar que no decorrer do tempo e com a realização das entrevistas no bairro de Costa Barros, percebemos o quanto se tornava difícil apreender o significado da educação profissional para os jovens, visto que esta se apresentava bastante precária. Os entrevistados, de uma maneira geral, nos relatavam que, a educação profissional só acontecia na teoria e não na prática, e em consequência, os Arcos oferecidos não contemplavam as suas escolhas, faltavam professores.

Ai eu fiz esse curso, organizadora de eventos, né, e recreadora. Só que era tudo na teoria, não na prática, na prática nunca teve. (Juliana, 26 anos, Costa Barros)

Era mais na sala mesmo, mais plantas, cálculos de material, de tijolo. E teve se não me engano 3 aulas práticas. Mas na Faetec, eu não pude ir porque era horário de trabalho. Foi à tarde. (Rodrigo, 19 anos, Costa Barros)

³⁰ O bairro de Santa Cruz localiza-se na zona oeste do município do Rio de Janeiro.

Foi tudo uma porcaria. Começou com um professor, aí veio outro, veio outro. No finalzinho teve um professor de turismo que ficou explicando hotelaria, mas já tava no final. Ele propôs ficar mais. Mas como a gente ia estudar lá e em outra escola. (Simone, 31 anos, Costa Barros)

Com isso, vimos a necessidade de trabalharmos com outro núcleo do ProJovem Urbano diferente daquele que atendia jovens do bairro de Costa Barros. A escolha da Rocinha ocorreu porque segundo informações de uma de nossas entrevistadas foi o primeiro ou um dos primeiros núcleos onde foi implantado o ProJovem Urbano na cidade do Rio de Janeiro. Além disso, as semelhanças e diferenças entre o público dos dois bairros poderão trazer elementos para reflexão a respeito dos significados da educação profissional no contexto do Programa.

A visita ao núcleo da Rocinha foi realizada no mês de dezembro de 2010, neste dia não havia alunos nem professores porque o Programa estava de recesso por causa das festas de final de ano. A coordenadora de apoio, que foi a pessoa que nos atendeu, é nova no Programa, começou nesta função no mês de maio de 2010, e forneceu informações a respeito do funcionamento do ProJovem Urbano naquele núcleo.

O núcleo funciona no espaço do Centro de Cidadania Rinaldo Delamare³¹, e recebe jovens da Rocinha e de bairros do entorno. As inscrições para ingresso no Programa são realizadas no próprio núcleo.

Em relação à qualificação profissional, ela pouco soube informar como acontecia o encaminhamento para os Arcos de Qualificação. Mas informou que neste núcleo os Arcos escolhidos pelos alunos foram Construção Civil e Reparos e Turismo e Hospitalidade.

Após a visita nos núcleos, e a partir das informações de algumas fontes³², foi realizado o contato com os possíveis entrevistados, que estiveram matriculados no Programa. Com estes foram realizadas entrevistas semi-estruturadas³³.

³¹ O Centro de Cidadania Rinaldo Delamare localiza-se no bairro de São Conrado. Oferece diversos serviços na área social como: cursos de capacitação profissional, escola para crianças, jovens e adultos, atendimento odontológico, atividades esportivas, atendimento a pessoas portadoras de deficiência e outras ações voltadas para a inclusão social. E conta ainda com escolas de música e de hotelaria, biblioteca, centro de convenções, auditório e brinquedoteca. Informações extraídas do site: http://www0.rio.rj.gov.br/pcrj/destaques/rinaldo_delamare.htm. Acesso em 21 de janeiro de 2011.

³² Em Costa Barros, obtemos as informações a partir dos arquivos da Agência de Família Costa Barros do Banco da Providência e da Vila Olímpica Clara Nunes em Acari, além de contatos informais no bairro. Já na Rocinha as informações sobre os entrevistados foram obtidos a partir de

Antes da realização das entrevistas todos os jovens assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)³⁴. A maioria das entrevistas dos jovens moradores de Costa Barros foi realizada em suas residências, apenas uma entrevista foi realizada em uma praça do bairro.

Na Rocinha as entrevistas foram realizadas na praça em frente ao Centro de Cidadania Rinaldo Delamare.

Após realização das entrevistas, todo o material foi transcrito para posterior análise. As categorias Trabalho e Educação Profissional foram tomadas para organização das informações recolhidas a partir das experiências dos sujeitos pesquisados em torno dos aspectos assinalados nos objetivos específicos desta pesquisa.

Como mencionado anteriormente, os locais escolhidos para a realização da pesquisa foram os bairros de Costa Barros e Rocinha. Ambos fazem parte do município do Rio de Janeiro. Costa Barros localiza-se na Zona Norte do município e a Rocinha na Zona Sul.

A seguir apresentaremos a caracterização dos respectivos bairros, como também os perfis dos jovens entrevistados.

3.2

Os bairros pesquisados: Costa Barros e Rocinha

Costa Barros, situa-se na Zona Norte da cidade do Rio Janeiro³⁵. Segundo dados do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP)³⁶, sua população total é de 25.922 habitantes

As primeiras áreas deste bairro foram ocupadas: a partir da venda de lotes de terra; ou por pessoas provenientes de outros locais, e que foram removidas. Na

informações do Centro de Referência de Assistência Social da Rocinha e contatos informais no bairro.

³³ Vide Roteiro de entrevista – Apêndice 1.

³⁴ Vide Termo – Apêndice 2

³⁵ Vide mapas: anexos 1 e 2.

³⁶ A partir de dados retirados do Censo Demográfico 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

década de 1960 até meados da década de 1970, vigorava no Rio de Janeiro uma política de remoção de favelas.

No auge da ditadura militar, o Governo Federal criou um órgão chamado Coordenação da Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana do Grande Rio (CHISAM), que tinha como objetivo central acabar com todas as favelas da cidade num prazo máximo de dez anos. De 1968 até 75, cerca de 100 comunidades foram destruídas e mais de 150 mil pessoas removidas.³⁷

Hoje o bairro é formado pelas seguintes localidades: Pedreira, Lagartixa, Quitanda, Conjuntos, e as de mais recente formação Portus I, II e III; Terra Nostra e Sítio do Nera. As duas últimas se constituem verdadeiros bolsões de pobreza, ocupadas a partir das chamadas invasões. As famílias que ali vivem não possuem nenhuma estrutura, vivendo em barracos de madeira, sem rede de água ou esgoto e nem rede elétrica.

Costa Barros é considerado um dos bairros mais pobres da cidade do Rio de Janeiro. De acordo com Ribeiro (2004), sua renda per capita é menor ou igual a R\$ 200, tendo mais de 23% de pobres.

O bairro possui uma grande área de favela e está na fronteira com a Baixada Fluminense. Mais de 80% de sua população encontra-se na classe trabalhadora. Com base em dados do Censo 2000 do IBGE. O Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos³⁸, Costa Barros possui a seguinte porcentagem em relação a classes: classe alta – 7,1%; classes intermediárias – 10,7%; e classes baixas – 82,2%.

No que tange ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), de acordo com Ribeiro (2004), o bairro teve uma taxa de crescimento negativo (-1,1%), ocupando um dos últimos lugares na classificação (posição 142).

³⁷ Informações extraídas do site: <http://www.favelatemmemoria.com.br>. Acesso em: 10 de junho de 2010.

³⁸ Dados retirados da tabela apresentada na Coleção Estudos Cariocas (Desenvolvimento humano e condições de vida na cidade do Rio de Janeiro) do Armazém de dados do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP). Disponível em: http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2415_favelas%20cariocas%20-%20compara%C3%A7%C3%A3o%20de%20%C3%A1reas%20ocupadas%20-201999%20e%202004.pdf. Acesso em: 25 de junho de 2010.

O bairro também é considerado um dos bairros mais violentos da cidade do Rio de Janeiro, principalmente pela existência do tráfico de drogas e roubo de carros.

Os entrevistados moradores do bairro, quando perguntados sobre o que não gostam do bairro, destacam principalmente a violência, como podemos perceber nos relatos a seguir:

Pra mim o bairro é uma porcaria. A violência tá demais, o tráfico de drogas. As pessoas andam com armas de conflito bélico como se fosse a coisa mais normal do mundo, deixando todo mundo oprimido. Eu moro aqui por (falta de) opção mesmo. (Thiago, 23 anos, Costa Barros)

(...) É uma tristeza. Muita violência, você não tem um lugar pra levar seu filho pra passear. A pracinha ali, você chega ali na praça tem alguém fumando, fazendo coisas que você, que você não quer que sua filha veja. (...) Então é um lugar muito perigoso, é um lugar que você não sabe o que pode acontecer. (...) O Luciano (marido) vai trabalhar, eu saio pra algum lugar, eu fico com medo. (...) Fico apreensiva. Até mesmo pra minha filha ir pra escola, (...) Quando o caveirão tá no morro ele (motorista do ônibus escolar) não pode levar as crianças pra escola, não tem aula. É uma coisa horrível. É muito complicado. (Mariana, 24 anos, Costa Barros)

Como podemos perceber pelos depoimentos a questão da violência atinge de maneira contundente a vida dos entrevistados. A insegurança gerada acaba por afetar o direito de ir e vir. Inclusive, dentre os entrevistados, temos o exemplo de uma entrevistada que foi atingida por uma bala perdida em um dos confrontos, entre policiais e traficantes, que ocorreram no bairro. Em sua entrevista ela relata como este fato refletiu na sua vida:

(...) Se não fosse a violência eu teria plena saúde. Eu taria trabalhando. Eu teria mais vontade de trabalhar, pra poder estudar, pra poder ter um estudo, né? Pra poder ter um trabalho melhor, mas depois do meu acidente (a entrevistada se refere ao fato de ter sido atingida por uma bala perdida) aí devido os confrontos aí do bairro. Aí agora eu não tenho mais inspiração de estudar. Aquela vontade, porque eu não vou poder trabalhar mesmo. O meu filho vai pra escola eu fico com o coração na mão. (...) Todo dia eu ficava nervosa. Ele acha que: “Mãe, se eu ver qualquer coisa que vou correr, eu vou me esconder, eu pulo em qualquer lugar, eu sei me cuidar.” Mas não sabe, eu vejo por mim. Porque eu achei que dava tempo de correr, que dava tempo de abaixar, que se eu fosse pro chão resolvia, foi pior. Eu passei por isso então eu tento explicar isso a ele, mas ele não entende. Ele acha que eu fiquei medrosa, que eu sou nervosa, que tudo eu acho que vai acontecer e não vai acontecer nada. (...) (Simone, 30 anos, Costa Barros)

No que tange à educação, os dados da Secretaria Municipal de Educação³⁹, contabilizam no ano de 2009, 8 unidades escolares municipais (pré-escola e ensino fundamental). Em relação ao Ensino Médio, são apenas 3 escolas presentes no bairro.

De acordo com alguns dos entrevistados a educação no bairro se apresenta como de baixa qualidade. As escolas públicas da região são afetadas por questões que refletem na qualidade do ensino.

Mas se fosse na escola pública? (...) não ensina nada. Se não tiver água: “Não tem aula não hein gente, todo mundo pra casa, vai.” Por causa da água, por causa do tiroteio, por causa de não sei o que. As vezes você vê na escola pública teve aula o que 2 vezes na semana, 3 vezes na semana. Eu sei porque meus irmãos estudam na escola e eles falam pra mim. Na minha época era de 8 às 5 horas da tarde, você recebia material, uniforme. Nossa, a mãe podia trabalhar, que ela tinha um lugar aonde deixar os filhos. Tudo direitinho, agora... (Mariana, 24 anos, Costa Barros)

Porém, outra entrevistada percebe melhorias na qualidade da educação oferecida no ensino fundamental, mas reconhece que no ensino médio a educação continua precária:

Antes quando eu, quando eu ficava alheia a isso tudo, que eu não estudava. Que eu só ficava dentro de casa cuidando da minha filha, do meu marido, eu achava a educação daqui muito precária. Na verdade ela era, né? Na escola faltava professores, na escola da minha filha faltava professores, essas coisas. Mas de uns anos pra cá melhorou muito. É... o governo não sei, criou um projeto na escola que adere a outros professores que ainda não se formaram pra tá ajudando lá. Que é o estágio, né? Ai eles ajudam na escola, ajudou a melhorar a educação dos alunos. Só o professor não dá conta, tem os estagiários pra ajudar na escola, ajudou. (...) Só no 2º grau que continua precária, mas no fundamental melhorou bastante. (Juliana, 26 anos, Costa Barros)

Além da educação, Juliana analisa a situação da saúde no bairro, que conta apenas com 2 Postos de Saúde da Família, e no momento da pesquisa estava sendo construída uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA 24hs).

Posto de saúde que agora eles falam que é médico da família, né? Só que de família não tem nada, porque eu fui levar minha filha lá passando mal, eles mandam pra emergência. Porque lá não atende. (...) Para conseguir uma consulta lá, tem que ser cardíaco, tem que ser hipertenso. Eu faço acompanhamento lá, mas

³⁹ Disponíveis no site do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP).

é porque eu tenho um problema, eu sou hipertensa, se não eles não me atenderiam. Minha filha não é atendida lá, meu marido não é atendido lá. Meu marido tá com problema de visão ele tem que ir lá pra cidade (Centro da cidade do Rio de Janeiro), porque ali não tem oftalmologista. (Juliana, 26 anos, Costa Barros)

Mais uma vez fica evidente a precariedade dos serviços públicos neste bairro. Se o território representa, segundo Dirce Koga (2003) o chão do exercício da cidadania, o cotidiano dos moradores enfrenta situações limite de carência visto que seus direitos são negados ou mesmo negligenciados diariamente no atendimento de suas necessidades básicas.

Também podemos dizer que essas questões negativas afetam diretamente a identidade e a auto-estima dos jovens que aí residem, por se constituírem territórios marcados pela desvalorização e estigmatização. De acordo com Soares, Rizzini e Bush (2010):

E os territórios, inspirando-nos em Milton Santos, mais que apenas espaços físicos onde os sujeitos nascem e crescem, emergem também como elementos constitutivos da identidade, propiciando os indivíduos reconhecerem, de fora, quem são. Entretanto, na lógica do capital globalizado, os territórios adquirem valores distintos construídos sem a participação dos indivíduos, e que a estes se impõe. Assim para estes jovens que moram em favelas na cidade do Rio, com toda a visibilidade negativa destes territórios, o lugar de moradia é legitimado principalmente pela desvalorização e estigmatização, consolidando uma maneira de ver a favela que se impõem a seus habitantes. Ou para Rabello de Castro, “viver aí significa se ver e se produzir com a marca da marginalidade (...) lugar da margem, da beira, do fora, assim como da desqualificação” (2004, p. 116). (p. 74)

Isso sem mencionar a questão do desemprego, que atinge a população local. Segundo dados do Censo Demográfico 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Região Administrativa da Pavuna, da qual o bairro de Costa Barros faz parte⁴⁰, a taxa de desemprego é de 20,6%, sendo menor apenas que as Regiões Administrativas do Jacarezinho e Santa Cruz (ambas com 22, 1%) e Cidade de Deus (22,5%).

A Rocinha compõe sozinha a 27ª Região Administrativa do município do Rio de Janeiro. Está localizada na zona sul do município entre os bairros de São Conrado e Gávea, tendo se transformado em bairro em 1993, com a lei 1995 de 18 de julho de 1993.

⁴⁰ Juntamente com os bairros de Acari, Barros Filho, Coelho Neto, Parque Colúmbia e Pavuna.

Segundo o Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos que utiliza dados do Censo Demográfico de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), a Rocinha apresenta uma população total de 56.338 habitantes, apresentando 16.999 domicílios. Já a população de 15 a 29 anos é de 18.309 habitantes.

Conforme algumas informações extraídas de sites da internet⁴¹, a Rocinha surge logo após a Segunda Guerra Mundial, com a chegada de imigrantes portugueses, franceses e italianos. Estes trabalhavam na agricultura e se estabeleceram em pequenos roçados.

No final da década de 1950, chegam mais moradores provenientes da Bahia e Minas Gerais. Estes também lidavam com agricultura e possuíam pequenas roças, vendendo sua produção no povoado vizinho (Gávea).

Em 1970 grupos da localidade começam a se organizar. Dentre suas reivindicações estão: saúde, educação, água, luz e saneamento básico. Assim, na década de 1980 surgem as escolas creches e centros comunitários. Ocorre a implantação do Centro de Saúde, do núcleo da Companhia Estadual de Águas e Esgotos (CEDAE) e da Região Administrativa.

Também na década de 1980 e 1990 ocorre com maior intensidade a chegada de novos moradores, vindos principalmente do estado do Ceará. Hoje, 80% dos seus habitantes são provenientes da Região Nordeste do país.

A Rocinha hoje é formada pelas seguintes áreas: Via Ápia, Caminho do Boiadeiro, bairro Barcelos, 199, Vila Cruzado, Roupa Suja, Macega, Rua 3, Rua 4, Cachopa, Vila Verde, Dioneia, Paula Brito, Rua 1, Rua 2, Laboriaux.

A Rocinha é uma das favelas mais urbanizadas e que também possui vegetação de mata fechada⁴². Possui comércio próprio (incluindo bancos), Central de correspondência⁴³, lanhouses, bibliotecas, escolas e rádios comunitárias, além de 4 linhas fixas de ônibus, pontos de vans, taxis e moto-táxis.

⁴¹ <http://www2.rio.rj.gov.br/governo/rocinha.cfm>. Acesso em 22 de janeiro de 2011; <http://www.infoescola.com/rio-de-janeiro/favela-da-rocinha/>. Acesso em 22 de janeiro de 2011; <http://www.favelatemmemoria.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=36&sid=3>. Acesso em: 10 de junho de 2010.

⁴² Vide mapas: anexos 3 e 4.

⁴³ Que funciona para receber e enviar cartas de moradores que não possuem CEP.

O bairro destaca-se por suas expressões culturais, mas também possui problemas de saneamento básico, coleta de lixo, condições inadequadas para moradia. Além disso, é atingida pelo tráfico de drogas. Como relatam as entrevistadas:

Eu não gosto daqui não. (...) Por causa da violência que tem aqui. (Fabiana, 26 anos, Rocinha)

Lá em cima onde a gente mora não tem muito saneamento básico. Não tem asfalto. (Fernanda, 21 anos, Rocinha)

Como mencionado anteriormente, a Rocinha compõe a 27ª Região Administrativa e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal desta região é 0,67, ocupando assim o 26º lugar no ranking das regiões administrativas. E sua renda per capita é de R\$ 219,95. A renda dos indivíduos moradores do bairro é proveniente do trabalho dos mesmos. Do total 72,35% vem do trabalho e 6,18% se originam de transferências governamentais como aposentadorias, pensões, programas de assistências sociais.

No que tange aos dados sobre educação, a Secretaria Municipal de Educação⁴⁴ contabiliza 5 unidades escolares públicas municipais (creches, pré-escolas e escolas de ensino fundamental). Além disso, os moradores contam com unidades escolares localizadas nos bairros do entorno.

Como podemos perceber pelas questões sociais que perpassam a realidade dos bairros de Costa Barros e Rocinha, estes possuem uma população juvenil com o perfil característico do ProJovem Urbano. Que visa incluir socialmente os jovens que se encontram em situação de vulnerabilidade e privados de seus direitos de cidadania.

O perfil dos jovens entrevistados para nossa pesquisa apresentado a seguir, mostrará semelhança sócio-econômica entre os moradores das duas áreas.

⁴⁴ Também disponível no site do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP).

3.3 Perfil dos jovens entrevistados

No total foram entrevistados 9 jovens que cursaram o ProJovem Urbano, sendo 7 moradores do bairro de Costa Barros e 2 moradoras do bairro da Rocinha.

A título de esclarecimento gostaríamos de mencionar que era nossa intenção entrevistar um maior número de jovens moradores da Rocinha. Porém o trabalho de campo apresentou dificuldades no que tange à possibilidade de localizar jovens para realizar as entrevistas, visto que buscávamos jovens que já haviam cursado o Programa. Alguns jovens também se negaram a dar entrevista alegando terem saído do ProJovem Urbano insatisfeitos. As duas jovens que conseguimos entrevistar foram indicadas a partir de contatos informais no próprio bairro.

Dos 7 entrevistados moradores de Costa Barros, 5 eram mulheres e 2 homens. Na Rocinha, as 2 entrevistadas eram mulheres.

No bairro de Costa Barros, o perfil dos entrevistados apresentou as seguintes características: a faixa etária variava de 19 a 31 anos de idade. Em relação ao estado civil: 2 estavam casadas; 5 solteiros(as)⁴⁵. Apenas 1 dos entrevistados não tinha filhos.

Seis entrevistados residiam em casas próprias e apenas um morava numa casa alugada. A renda familiar dos entrevistados variava de meio salário mínimo a dois salários mínimos. Apenas 1 entrevistado não declarou a renda familiar.

Três entrevistadas recebem benefícios que colaboram para a complementação da renda familiar. Em um dos casos o benefício se constitui a própria “renda”. Como é o caso de uma entrevistada cujo marido encontra-se de licença do trabalho e recebe o benefício do auxílio-doença, concedido pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). Os outros benefícios citados pelas entrevistadas foram: o Bolsa Família e o benefício da Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS).

Em relação à escolaridade dos jovens moradores de Costa Barros, 6 entrevistados concluíram o ensino fundamental no ProJovem Urbano, apenas 1

⁴⁵ Destes quatro entrevistados, duas viviam com companheiro.

não conseguiu concluir o Programa (3 entrevistados cursaram o Programa no ano de 2005, 1 no ano de 2007 e 3 no ano de 2008⁴⁶). No momento da entrevista, 1 entrevistada havia concluído o ensino médio, 4 estavam cursando o ensino médio e 2 haviam parado de estudar (uma delas por estar grávida).

Na Rocinha, a idade das entrevistadas variava entre 21 e 26 anos. As duas eram solteiras (uma das entrevistadas tem um companheiro). Ambas possuem filhos e moram com os mesmos em casa própria. Em relação à renda familiar: 1 das entrevistadas possui renda da assistência de 1 salário mínimo, referente ao Benefício de Prestação Continuada (recebido pelo filho mais velho), complementada com o benefício do Bolsa Família; a segunda entrevistada possui renda de 2 salários mínimos, proveniente de trabalho formal, complementada pelo benefício do Bolsa Família.

Na Rocinha, uma entrevistada não concluiu o Programa. A outra concluiu o ensino fundamental no mesmo, mas não ingressou no ensino médio.

No que tange à qualificação profissional oferecida pelo ProJovem, os 9 entrevistados apresentaram o seguinte quadro: 4 se qualificaram em Esporte e Lazer (3 de Costa Barros e 1 da Rocinha), 3 se qualificaram em Turismo e Hospitalidade (2 de Costa Barros e 1 da Rocinha), 1 em Construção Civil e Reparos (Costa Barros), e um entrevistado, morador de Costa Barros, não conseguiu cursar a qualificação profissional. Alegou que os horários das aulas de qualificação profissional eram diferentes dos horários de aulas do ProJovem Urbano, e que houve incompatibilidade de horários.

Quanto a experiência no mundo do trabalho, antes de participarem do ProJovem Urbano, 2 entrevistadas informaram que nunca trabalharam (1 de Costa Barros e 1 da Rocinha), 1 que trabalhou de carteira assinada (Rocinha), e 6 que trabalharam em atividades informais (Costa Barros). Dentre estas atividades foram citadas as de: faxina, auxiliar de cozinha, cabeleireiro, mecânico, vendedor, ambulante, explicadora, cuidadora de idosos, babá, balconista, vendedora de cosméticos, auxiliar de serviços gerais e atendente de padaria.

⁴⁶ Conforme mencionado anteriormente nesta dissertação, no ano de 2008, devido a mudanças no seu planejamento, o ProJovem, sofre alterações e passa a denominar-se ProJovem Integrado, através da composição de diferentes modalidades: ProJovem Urbano, ProJovem Adolescente, ProJovem Campo e ProJovem Trabalhador.

Depois da participação no ProJovem Urbano, 4 entrevistados continuaram trabalhando em atividades informais (Costa Barros), 3 trabalharam com carteira assinada (2 de Costa Barros e 1 da Rocinha), 1 trabalhou com carteira assinada e depois retornou para atividades informais (Costa Barros) e 1 ainda não estava trabalhando (Rocinha). Dentre as atividades desenvolvidas foram citadas: babá, padeiro, vendedor(a), atendente de pet shop, lavador de carros, cozinheira e vendedor ambulante.

Como podemos perceber, o trabalho informal se apresenta como uma constante na vida da maioria dos jovens entrevistados. A passagem por um programa de aumento de escolaridade não lhes garantiu e nem garante o acesso imediato ao mercado formal de trabalho, embora facilite “um pouco”, por poderem incluir em seus currículos a conclusão do ensino fundamental.

Toda esta situação possui relação com as transformações que presenciamos como a reestruturação produtiva, aliada a perda dos direitos sociais, ao desemprego, a flexibilidade e o trabalho precário, que atingem de forma contundente a realidade dos jovens da classe trabalhadora, tornando ainda mais difícil a sua inserção no mercado de trabalho. Assim a educação para estes torna-se uma experiência imediata e contraditória, como analisa Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005b):

No caso das pessoas jovens e adultas que não traçaram sua vida escolar com esta mesma linearidade, a relação entre educação e mundo do trabalho ocorre de forma muito mais imediata e contraditória. Para elas, o sentido do conhecimento não está em proporcionar, primeiro, a compreensão geral da vida social e, depois, instrumentalizar-se para o exercício profissional. Na realidade, muitas vezes, o acesso ou o retorno à vida escolar ocorre motivado pelas dificuldades enfrentadas no mundo do trabalho, pela necessidade de nele se inserir e permanecer. (p. 12)

Desta forma, podemos dizer que a experiência de trabalho precário vivenciada por estes jovens parece estar diretamente relacionada à negação da escolaridade ou mesmo ao seu acesso precário pela necessidade da sobrevivência imediata.